

Reformas pela metade e endividamento em dólar

ECONOMIA - Brasil

Guerra de relatórios traz à tona números ruins da economia

MARCELO KISCHINHEVSKY

Primeiros dias de maio. Quatro relatórios, todos originados em escritórios de Wall Street e divulgados em menos de 72 horas, sacudiram o mercado financeiro e causaram uma forte depreciação dos ativos brasileiros. A ofensiva dos bancos – pesos-pesados como Merrill Lynch, Morgan Stanley, ABN e Santander (os dois últimos com forte presença no país) – suscitou críticas e denúncias de manipulação do mercado. O motivo mais alegado para as súbitas avaliações negativas era o avanço do candidato do PT à Presidência, Luiz Inácio Lula da Silva, e a dificuldade do governista José Serra para decolar nas pesquisas eleitorais.

Logo, surgiram outros relatórios de grandes bancos (Dresdner, JP Morgan, Lloyds e Barclays), reafirmando suas classificações para o país, e a discussão se esvaziou. Muito barulho por nada. "A campanha eleitoral nem começou", avisa Andressa Tezine, coordenadora de Pesquisas Econômicas do Dresdner Asset Management. Para ela, é preciso olhar para outros sinais que não as urnas:

"O governo buscou a melhoria dos fundamentos, mas algumas reformas, como a tributária e a da Previdência, deixaram a desejar. Basta ver a falta que faz a CPMF (Contribuição Provisória sobre Movimenta-

ção Financeira). São R\$ 18 bilhões por ano, dependendo de votação no Congresso. Não se pode fazer ajuste fiscal calcado num tributo", critica Andressa.

Uma coisa é certa. Os analistas do mercado concordam com o presidente do Banco Central, Armínio Fraga, que esta semana reconheceu que os fundamentos da economia não estão realmente bons. A inflação está no teto da meta, a dívida interna permanece com uma parcela muito elevada (30%) atrelada ao câmbio e o comércio internacional está se retraendo pela primeira vez em duas décadas, na esteira do protecionismo dos países ricos – Estados Unidos à frente.

Apesar de o balanço de pagamentos ter fechado o mês de março com um superávit de US\$ 989 milhões, o déficit em

transações correntes (balança comercial, serviços, transferências financeiras e outras transações) acumula em 12 meses um rombo de US\$ 19,77 bilhões. O resultado negativo foi coberto por investimentos estrangeiros, cada vez mais escassos.

Em relatório distribuído a seus clientes esta semana, o Dresdner aponta a suscetibilidade do mercado às notícias eleitorais, mas alerta que há outras variáveis preocupantes, como a retração na indústria e o desempenho da balança comercial. Só as exportações para a Argentina caíram 70% em abril. Apesar disso, o banco considera exageradas as avaliações negativas e recomenda ativos brasileiros. Dica que ganha credibilidade pelo fato de o banco não figurar na lista dos que rebaixaram o país.

Os números da economia brasileira

Déficit em transações correntes em março
US\$ 997 milhões

Déficit em transações correntes em 12 meses encerrados em março
US\$ 19,77 bilhões

Investimentos estrangeiros diretos em março
US\$ 2,366 bilhões

Investimentos estrangeiros diretos em 12 meses (encerrados em março)
US\$ 22,417 bilhões

Balanço de pagamentos Superávit em março
US\$ 989 milhões
Superávit no trimestre
US\$ 1,136 bilhão

Balança comercial Superávit no trimestre
US\$ 1,028 bilhão

Até setembro de 2002, o país precisa ter um superávit primário de **US\$ 34,1 bilhões** para cumprir a meta fiscal acertada com o FMI

Ante JB